

Processos de criação entre artes: experiências em arte e educação.

TAMIRIS VAZ
FABIO FONSECA

■ 182

Tamiris Vaz é professora do curso de Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Arte e Cultura Visual (2017), pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestra em Educação (2013) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ambos como bolsista Capes/DS. Coordena o UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU) e pesquisa no Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (Gepaec/UFSM). Suas investigações giram em torno das relações entre pessoas e lugares, abordando a arte no cotidiano urbano, em encontros e percursos que atravessam as aprendizagens a partir de imagens. Principais linhas de investigação: visualidades urbanas, docência em artes visuais, filosofias da diferença, aprendizagens.

Afiliação: Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5063876645938107>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1371-5502>

Fabio Fonseca é docente do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na subárea de Desenho. Doutor em Teoria e História da Arte pela Universidade de Brasília (UnB), com período sanduíche no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Teoria e História da Arte pela UnB. Especialista em História da Arte do Século XX e Bacharel em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP-PR). Atualmente desenvolvo minha pesquisa sobre o processo de sobrevivência das imagens, procurando integrar sob um viés teórico-metodológico, a produção prática em Artes com a pesquisa em Teoria e História da Arte.

Afiliação: Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4450453554832020>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1371-5502>

■ RESUMO

Esta edição concentra-se em práticas coletivas que procuram transitar nas fronteiras disciplinares entre as artes. Agrupa contribuições que propõe experiências coletivas e integradas na produção de saberes transdisciplinares, adisciplinares ou multiculturais, que entendem o 'entre' como a potência do movimento, do deslocamento, do encontro, do desvio, da diluição de fronteiras no pensamento artístico e educacional. Os artigos compartilham como essas experiências têm explorado o 'entre' - corpos, saberes, territórios, artes - nos processos contemporâneos de fazer pesquisa.

■ PALAVRAS-CHAVE

Artes, educação, transdisciplinaridade, multiculturalidade, experiências coletivas.

■ ABSTRACT

This issue focuses on collective practices that seek to move across disciplinary boundaries interarts. It groups contributions that propose collective and integrated experiences in the production of transdisciplinary, adisciplinary or multicultural knowledge, that recognize the interarts as force of movement, displacement, encounter, detour, as the blurring of boundaries in artistic and educational thought. The articles reveal how these experiences have explored the interarts - bodies, knowledge, territories, arts - in contemporary research processes.

183 ■

■ KEYWORDS

Arts, education, transdisciplinary, multiculturality, collective experiences.

Nesta edição da revista ouvirOUver são apresentadas pesquisas envolvendo experiências artísticas e educativas, pensando o processo de criação em meio à integração de diferentes áreas, como forma de construir um atravessamento entre artes. Através da linguagem poética e da educação, a proposta se volta para experiências coletivas a partir do deslocamento de fronteiras disciplinares, potencializando as singularidades de cada área.

Deleuze e Guattari (1997) falam do entre não como um lugar de passagem, mas como a potência da coexistência pela multiplicidade. O entre pode ser tomado como o devir que atravessa dois mundos heterogêneos, traçando linhas quebradas que fazem nascer a criação em encontros inesperados. Com eles pensamos: O que pode nascer da relação entre as artes? Como olhar para os territórios entre as artes permite pensar o processo de produção coletiva?

Este dossiê reúne artigos que visam desenvolver ou reelaborar algumas dessas perspectivas, propondo táticas coletivas e integradas na produção de saberes transdisciplinares, adisciplinares ou multiculturais que entendem o entre como a potência do movimento, do deslocamento, do encontro, do desvio, da diluição de fronteiras no pensamento artístico e educacional.

Desde 2018 o Instituto de Artes (IARTE) da Universidade Federal de Uberlândia promove anualmente o Festival EntreArtes, o qual incentiva, através de bolsas-cultura, a produção de ações artísticas e educativas que envolvam a integração entre as diferentes áreas artísticas da unidade - Artes Visuais, Dança, Música e Teatro -, promovendo, ainda, a exibição de trabalhos artísticos produzidos por docentes, discentes e técnicos, de modo a aproximar tanto a comunidade externa das produções desenvolvidas culturalmente na universidade, quanto convidando a própria comunidade do Instituto de Artes a conhecer e prestigiar as produções de seus pares e “vizinhos”.

Oficinas, vivências e rodas de conversa transdisciplinares têm alimentado discussões sobre a força do coletivo no campo artístico. Vários estudantes que antes realizavam suas produções unicamente dentro do fluxo curricular de suas graduações acabaram se integrando a artistas de outras áreas e desenvolvendo projetos colaborativos, alguns deles chegando a ganhar prêmios em festivais de audiovisual.

Ao longo das edições do festival notamos uma movimentação de estudantes que passaram a desejar cursar disciplinas em áreas artísticas fora de suas graduações, interessando-se pelas potências do hibridismo, do trabalho colaborativo e também da multiplicidade que envolve o trabalho como produtor(a) cultural. Essas movimentações nos motivaram a produzir este dossiê, provocando pesquisadoras e pesquisadores a partilhar como têm explorados as forças do “entre” - corpos, saberes, territórios, artes - nos processos contemporâneos de fazer pesquisa.

A primeira parte deste dossiê traz PROCESSOS ARTÍSTICOS NO ENTRE - artigos que abordam conexões entre áreas artísticas, processos da arte no campo expandido e interfaces da arte com outras áreas.

Abrindo o dossiê, o artigo “Tributo a João Gilberto e PianOrquestra: processos de produção coletiva e performance de dois espetáculos musicais no contexto de um festival de artes integradas”, escrito por Daniel Menezes Lovisi e

Mariana Aparecida Mendes, apresenta reflexões sobre a elaboração de espetáculos musicais apresentados em edições do Festival EntreArtes da Universidade Federal de Uberlândia. O primeiro ocorreu no ano de 2019 nas dependências do Instituto de Artes, e o segundo em 2020 com uma transmissão online. Partindo do fato de que os eventos foram momentos que formam um vínculo entre artistas e público, procura explicar como ocorreu a comunicação e a produção de significado nesse processo. A proposta de uma autoria coletiva ultrapassa o aspecto musical e incorpora também uma dimensão visual, que explora possibilidades cênicas e performáticas em uma integração entre diferentes meios artísticos.

A criação coletiva e a incorporação de diferentes linguagens artísticas também foram objeto de estudo no artigo produzido por Odailso Berté, Mônica Corrêa de Borba Barboza e Crystian Danny da Silva Castro, “FeridaCalo: do trânsito entre artes e do processo coletivo, a dança como “pronúncia de mundo””. O texto faz uma reflexão sobre o processo de criação do espetáculo de dança contemporânea e intervenção artística FeridaCalo, estreado em dezembro de 2016 na esplanada da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Maria, RS. A concepção de uma estruturação cênica adaptável, permitiu sua apresentação em diferentes espaços da cidade, intervindo esteticamente em locais públicos. O tema da pintora mexicana Frida Kahlo foi adotado como referência temática, tanto pelo potencial revolucionário e subversivo, como pela relação entre o cotidiano e a arte que suas obras apresentam. Na proposição cênica a dança é compreendida como uma forma de ação política e estética, que procura refletir a existência humana.

Partindo de reflexões sobre a agroecologia e o uso sustentável da terra, a autora Daniela Corrêa da Silva Pinheiro investiga o fazer fotográfico no artigo “O processo criativo com os anotypes no documentário “Saberes da Terra””. O processo histórico de produzir fotografias com o uso de corantes vegetais fotossensíveis se entrecruza com a imagem digital, estática e em movimento, na produção do documentário. A materialidade dos pigmentos fixados no suporte contrasta com a especificidade digital dos vídeos, resultando em um caráter híbrido do documentário. O tempo vagaroso que o pigmento leva para se fixar no papel depende dos tempos da natureza, da intensidade do sol, das estações do ano. O texto está embasado em autores como Rubens Fernandes Junior e Edmond Couchot para discutir as questões pertinentes à fotografia em um campo visual expandido e híbrido, que incorpora as reflexões apresentadas pelo vídeo documentário.

O artigo “Narrativas de um mundo em ruínas: conexões entre ciências, artes, filosofias e educação”, foi produzido por um coletivo de cinco autoras e dois autores. Trata-se do relato de uma experiência de criação e reflexão coletiva no contexto da pandemia de COVID-19. Autoras e autores como Ailton Krenak, Anna Tsing, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Donna Haraway e Susana Dias fundamentam esse texto construído como um tecido interdisciplinar, atravessado por ciências, artes, filosofias e educação, como partes de sua trama. O período marcado pelo início das atividades humanas capazes de provocar um impacto global no clima da Terra e nos ecossistemas, é entendido como um tempo marcado por inconstâncias e dúvidas. O agrupamento das narrativas verbais e visuais é constituído como uma assemblage de paisagens, que estimulam encontros concretos e imaginários. As poéticas se desenvolveram em diferentes territórios experimentais, em espaços

vivididos, em uma conexão estreita entre a arte e o cotidiano.

Originando-se de uma condição estabelecida pela pandemia de COVID-19, o artigo “Teatro, tecnologias e educação em perceptos e afectos inovadores”, com autoria de Márcia Fusaro, lança uma reflexão sobre o uso das novas tecnologias em interface com o teatro e com a educação. O texto se apoia sobre a obra de Gilles Deleuze e Antonin Artaud para a compreensão da criação filosófica e artística voltada à Diferença e à Vida. A relação máquina versus sujeito é colocada em paralelo com o processo teatral e educacional, considerando as tecnologias de comunicação detectando novos agenciamentos no contexto contemporâneo. Diante da tragédia da pandemia, o texto compreende a vida como potência criativa em um processo de reinvenção.

Um estudo sobre as interartes enquanto disciplina no âmbito curricular dos cursos de Artes é colocado em questão no artigo “As interartes e seu lugar no contexto atual disciplinar dos cursos de graduação e pós-graduação em arte nas universidades brasileiras”, escrito por Eduardo Ramos. O autor apresenta cruzamentos e aproximações artísticas entre a música e a pintura como exemplo de diálogos pertinentes para a formação do docente do ensino básico. Destaca a arte a partir de suas possibilidades relacionais entre linguagens distintas, procurando oferecer questionamentos sobre os processos e métodos da produção artística.

Na segunda parte, agrupamos textos que tratam de PARTILHAS ENTRE CORPOS E VOZES - artigos que têm como foco a experimentação coletiva no campo da arte, pela educação e/ou pela pesquisa. Essas escritas evidenciam a força do encontro e da partilha, ressaltando modos de operar a educação por atravessamentos, diluições de fronteiras pelo pensar coletivo. Trata-se então, não da fragmentação de tarefas, em um modo fordista de produção, mas da partilha, do pensar e atuar em coletivo, da busca por pares que potencializem e multipliquem o caráter social e questionador da arte e da educação na sociedade.

Os autores aqui reunidos apostam em atravessamentos artísticos que se diferem da polivalência, formato há muito tempo problematizado por pesquisadores da educação por se tratar de um enfraquecimento do campo educativo, na medida em que exige de um único docente a capacidade de atuar sozinho em áreas artísticas completamente diversas. Em vez disso, apostam em caminhos para uma educação menos fragmentada e mais conectada aos movimentos da vida cotidiana, buscando colaborações, parcerias e coletividades.

Autores como Paulo Freire e Gilles Deleuze são trazidos em vários desses textos como referências que priorizam, cada qual a seu modo, o estar juntos, tomando o “entre” como território de passagens e encontros.

O texto de Fernando Miranda, Natalia Gras e Yohnattan Mignot “Una experiencia de co-docencia en la universidad basada en la producción de visualidades colectivas”, nos apresenta experimentações realizadas na Universidad de la Republica (Udelar) com professores que cursam a pós graduação. Em uma proposta de gerar zonas de contato pela co-docência, os autores exploram exercícios coletivos de produção de narrativas e de representações visuais que, vinculados a memórias, discutem trajetórias e práticas docentes, destacando a diversidade de conhecimentos e experiências oriundas de diferentes áreas de

atuação das pessoas envolvidas.

A docência partilhada também faz dos processos apresentados no artigo "A muitas vozes: processos e experiências no Programa Vocacional", de Patricia Osses e Paula Ernandes. Nessa escrita são apresentados processos em artes desenvolvidos dentro do Programa Vocacional, na zona leste da capital paulista. Combinando saberes oriundos de multilinguagens artísticas, artistas orientadores das áreas de literatura, artes visuais, música, teatro e dança se embasam na educação libertária de Paulo Freire, reconhecendo o conhecimento da realidade dos educandos como alavanca para as aprendizagens desenvolvidas.

Também embasada por Paulo Freire é a pesquisa apresentada no artigo "Processo de inclusão de crianças e jovens com e sem deficiência em práticas artísticas", de Sabrina Lins Batista, Denise Andrade de Freitas Martins e Pâmela Silva Rocha. Envolvendo experimentações artísticas com discentes da educação básica e da APAE as autoras vêm pensar o estímulo de diferentes potenciais dos discentes, sem demarcar suas capacidades físicas ou intelectuais como limitadores de seus processos de aprender. Arranjos musicais, roteiros, encenações dramáticas, jogos e brincadeiras propostos por uma equipe multiprofissional compuseram esses fazeres interativos.

"Memórias Cartográficas: modos de olhar, ouvir, lembrar, criar e narrar com crianças e adultos", de Núbia Agustinha Carvalho Santos, atravessa leituras de Bakhtin e Deleuze e Guattari para promover cartografias coletivas a partir de visitas a uma exposição da artista Adriana Varejão por crianças e adultos, explorando mediações educativas a partir de um "mapa das fotos". Experiências estéticas entre memórias e esquecimentos tratam do corpo imerso na obra.

Processos de pesquisar em percurso compõem os escritos de Ana Cláudia Barin e Marcela Bautista Nuñez no artigo "Percurso de pesquisas entre coletivos: investigações em Educação e Artes". O texto aborda percursos de pesquisa pensados coletivamente em um grupo de orientação na pós graduação. Explorando relações entre imagens e palavras, as autoras propõem modos de se fazer pesquisa em educação permeadas pelos campos de estudo da arte e da filosofia. Encontros de Orientação Coletiva são, para elas, território fértil para estudos, criações de imagens e experimentações conjuntas que potencializam as singularidades de cada pesquisadora.

O texto "Natureza, alimento e cores: arte, educação e agroecologia em ações com público", de Débora Santiago, também atua com foco na experiência artística coletiva ao realizar uma ação artística junto ao Coletivo de Mulheres do Assentamento Contestado, no Paraná. Os termos autonomia e participação mobilizam problematizações que aproximam arte e educação pela obra de Paulo Freire. No interesse pela produção de alimento, a pesquisadora propõe aliar experiência estética com troca de saberes.

Julia Mariano Ferreira e Deborah Rodrigues Borges trazem no artigo "(Re)ver, (re)lembrar e bordar: experiências de idosos com fotografias" processos de aprendizagens que emergiram em contatos com idosos alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade da PUC Goiás. O trabalho envolve oficinas de fotografias propostas por duas educadoras-fotógrafas que convidam os participantes a bordarem sobre as fotografias memórias de suas vivências. Com isso a pesquisa

procura potencializar as relações de afetividade envolvendo, ao mesmo tempo, o encontro com memórias e a aprendizagem de novas formas de registro e materialização das mesmas.

O texto de Elison Oliveira Franco, "A bela feira afroindígena: por uma educação estética antirracista", explora o "entre" cultural vivenciado por uma educação estética antirracista. No artigo, o autor apresenta processos educativos envolvendo história e cultura afro-brasileira e indígena na escola com a criação de indumentárias com materiais reutilizáveis. Debates pedagógicos sobre preconceitos e a aproximação de elementos culturais ancestrais levaram ao desenvolvimento de uma feira afroindígena que materializou em imagens audiovisuais elementos estéticos de materialidades artesanais.

O texto "Presença ambiental" é a tradução feita por Conrado Augusto Gandara Federici e Marina Souza Lobo Guzzo, do capítulo "Environmental presence", de Gabriella Giannachi. Foi publicado originalmente no livro "Archaeologies of presence: art, performance and the persistence of being", editado por Gabriella Giannachi, Nick Kaye and Michael Shanks. A autora faz uma análise do sentido de presença ambiental e ecológica, e propõe um panorama para interpretá-la neste contexto. Apresenta uma abordagem interdisciplinar de obras categorizadas como ambientais e/ou ecológicas. Parte de definições de presença e ambiente, que indicam diferentes visões de um mesmo território. Presença designa o que está na frente, espacial e temporalmente, do 'eu sou'. Ambiente indica o que está ao redor, e o sentido ecológico envolvido nessa relação.

Como fechamento deste dossiê, trazemos o ensaio visual do artista Ricardo Garlet, intitulado Instaperformance. Ao longo dos anos de 2020 e 2021, marcados pelo distanciamento social proporcionado pela pandemia de Covid-19, Ricardo fez uso da plataforma Instagram para realizar e compartilhar imagens geradas "entre" a pintura, a fotografia e a performance, trazendo a presença do próprio corpo exibido entre vida e arte nas redes sociais.

Desejamos a cada leitor(a) uma excelente leitura por entre esses percursos de pesquisas, na expectativa de que elas possam transbordar em outras combinações por vir.

Referências

ARTAUD, Antonin. Linguagem e vida. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014.

_____. O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COUCHOT, Edmond. A Tecnologia na Arte: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: UFRGS, 2003

_____. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

_____. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. A imagem-tempo: cinema 2. Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. *ClimaCom – Florestas* [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020b. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>. Acesso em: 04/08/2021

_____. Quando a comunicação é tomada por um entusiasmo vegetal. Campinas-SP: Ciclo de conversas entre Arte e Educação Carta-Imagem- Práticas educativas movimentadas pela arte. 1 vídeo (161 minutos) [Webinar.]. 2020a. Acesso em: 24/04/2021.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 05/10/2021.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019.

189 ■

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

_____. Blasted landscapes (and the gentle arts of mushroom picking). In: Kirksey, E (ed.). *The multispecies salon*. Duke University Press, p. 87-109, 2014.

Como citar:

VAZ, T.; FONSECA, F. Processos de criação entre artes: experiências em arte e educação. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 182-189. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-64269>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.